

PEQUENA HISTÓRIA DO PLANEJAMENTO CABOCLO (HOMENAGEM A ROMULO ALMEIDA)

FERNANDO PEDRÃO¹

Preâmbulo

Este estudo focaliza no período de 1950 a 1962 quando se configurou uma reação nacionalista ao modelo conservador representante da economia cafeeira exportadora, liderado por Eugenio Gudín e Otavio Buhlões. Estende-se a alguns efeitos de desdobramento da construção de uma visão nacional e da defesa renitente das exportações primárias. Mas aquele conservadorismo tinha encontrado seu limite na negativa da doutrina Truman que obrigou o governo Dutra a iniciativas nacionalistas². Foram criados órgãos regionais como a Comissão do Vale do Rio São Francisco e começou o programa de barragens, a maioria das quais com vazão insuficiente e salinizadas³.

Engrossando a corrente nacional apareceu um pensamento da pequena burguesia, principalmente no Rio de Janeiro, onde havia uma numerosa classe média em empregos públicos, evidenciando abismos ideológicos com a classe média paulista aparelhada pelo capital e com a mineira carola. A proliferação de indústrias de pequeno porte respondeu a um mercado interno em expansão nos grandes centros. Com a concentração bancária

1 Professor livre docente e aposentado da Universidade Federal da Bahia.

2 Ver de Reinaldo Gonçalves, *Herança e ruptura*.

3 Em levantamento feito em 1995 encontramos 37 barragens inutilizadas.

apareceu o grande capital financeiro que terminou financiando os golpes militares. Surgiram trabalhos que foram canalizados na revista *Econômica Brasileira* tratando de comércio inter-regional e pleiteando a criação de um banco central. A intelectualidade brasileira descobria o mundo exterior.

Mas a endogenia da sociedade pós escravista impregnava a economia e a sociologia, onde apareceram trabalhos de Werneck Sodré, Sergio Buarque e Florestan Fernandes. Na c pula política, onde pontuavam figuras como Francisco de Campos e Benedito Valadares ninguém ligava para a rela o da economia com a sociedade: era um discurso da elite para a elite. Formou-se uma polaridade entre o ISEB progressista e universidades católicas e protestantes reacionárias. O setor privado despontava como o lado negativo da educa o superior, pretendendo um modelo nacionalmente hegem nico, copiado da Sorbonne, de Harvard, de Wisconsin e até de Ohio⁴. No cenário brasileiro havia polariza es regionais, onde prevaleciam várias fontes de coronelismo. No quadro baiano a tradi o de insurgência da greve geral de 1919 ficou soterrada na polaridade entre coronelismo e anarquismo. Tendo ficado contra a República e contra a “revolu o” de 30, a elite baiana era uma relíquia p s escravista⁵ alternada por um comunismo teoricamente avançado, com subcorrentes anarquistas⁶.

O drama

Tudo começou com a assessoria de Getúlio Vargas no segundo governo, que foi liderada por Romulo Almeida⁷, integralista refugiado no Acre, indicado por Landulfo Alves de Almeida, presidente do partido que apoiava Vargas. A assessoria, constituída de nordestinos concursados pelo DASP⁸, elaborou os planos iniciais da Petrobrás, da Eletrobrás e do BNDE. Considerando que o BNDE agravaria a desigualdade com São Paulo, Romulo empreendeu, como cavaleiro solitário, a campanha de cria o do Banco do Nordeste, que conduziu como banco de desenvolvimento

4 Ver de Paulo Arantes *Um departamento de ultramar*

5 Em 1884 a Associa o Comercial da Bahia emitiu documento favorável   escravidão e a aboli o perdoava as d vidas dos escravistas.

6 Lembrar que os comunistas baianos forneceram a base ideológica do partido comunista brasileiro. Lembrar Jacob Gorender, Carlos Nelson Coutinho, Carlos Mariguella.

7 Ver de Marcos Costa Lima (org.) *Bo mios cívicos*.

8 Cleantho Paiva Leite, paraibano, Evaldo Lima piauiense, Romulo Almeida, baiano.

em modelo mais avançado que a CORFO do Chile. Ao morrer Vargas, Romulo voltou para a Bahia onde foi nomeado secretário da Fazenda. Empreendeu uma modernização da Fazenda, onde implantou orçamentos por programa, e reativou o Instituto de Economia e Finanças da Bahia [IEFB], que tinha sido criado por economistas comerciantes e mantido por Daniel Quintino da Cunha. Por esse Instituto fez um acordo com o reitor Edgard Santos que cedeu duas salas na Escola de Enfermagem. Ali se instalou, formou uma primeira equipe⁹ e elaborou pesquisas para planejamento. Dessa etapa foram reunidos estudos que foram multiplicados em xerox em papel cor de rosa que era o único disponível.

Ainda nessa etapa, no governo Antonio Balbino de Carvalho, foi criada a Comissão de Planejamento Econômico, que foi localizada no Edifício Banco Irmãos Guimarães na Praça da Inglaterra. Como modo de trabalho, Romulo criou comissões combinando lideranças privadas, funcionários públicos e equipe da CPE. As comissões mistas foram a versão cabocla dos soviets. Foi o período de um planejamento associativo¹⁰ que contou com o apoio de algumas lideranças privadas, destacando-se Miguel Calmon. Nessa oportunidade elaborou o documento intitulado *A participação da Bahia na vida nacional*, que foi enviado pelo governador ao presidente JK, a quem preveniu contra a Bahia e que induziu a criação da Operação Nordeste (OPENE), transformada em Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (CODENO) que foi transformado em SUDENE. Romulo Almeida foi o verdadeiro pai da SUDENE.

O processo de planejamento na Bahia foi interrompido quando Romulo se tornou o primeiro presidente do Banco do Nordeste, mas retomado por meio de acordo com o Ponto IV do governo norte-americano que para cá mandou o economista Stefan Robock, com o qual foi criado Escritório Técnico do Nordeste [ETENE]. Foram criados cursos de Técnico em Desenvolvimento pelos quais foi criada uma equipe de pesquisadores para o IEFB. Foi o período mais ativo do IEFB, quando foram realizados diversos trabalhos sobre a economia baiana¹¹.

⁹ Aulete Caldas, Carlos Salles, José Leal e Fernando Pedrão.

¹⁰ O planejamento associativo da Bahia inovou entre as técnicas de planejamento que eram exploradas pela Divisão de Assessoria da CEPAL.

¹¹ Citam-se: A indústria na Bahia, A economia dos saveiros, Estimativa do produto social. Renda e níveis de vida na Bahia dentre outros.

Romulo voltou ao comando da CPE, onde, no período de 1958 a 1961 desenvolveu um processo de planejamento pleiteando uma alternativa de desenvolvimento para a Bahia. Era preciso reverter o desgaste inter-regional e a exploração externa do fumo e do cacau. O planejamento baiano se alinhava com a ideologia nacionalista identificada com o varguismo, que por sua vez se identificava com o latinoamericanismo da CEPAL, diferenciando-se da CEPAL ao dar prioridade à modernização dos sistemas de comercialização. Foi o fundo ideológico do planejamento na Bahia, onde se montou um modelo regional contrastante da concentração de São Paulo. Sem alardear, a Bahia confrontava o modelo nacional e rejeitava a influência da Fundação Getúlio Vargas. Também foi um centro de debates com a participação de figuras internacionais como Benjamim Higgins, Albert Hirschman, Ignacio Rangel.

O desafio estava configurado pelas relações inter-regionais desfavoráveis, que eram agravadas pela transferência de poupança para o sul pelo sistema bancário. Esse mecanismo, então denominado de filtração de poupança, foi identificado em estudo sobre a região cacauceira¹² e visto em sua generalização sobre a mineração. A Bahia, dependente da receita do cacau, profundamente explorado por empresas inglesas, era objeto de termos de intercambio desfavoráveis em um modelo nacional que era o mecanismo do subdesenvolvimento que esterilizava a formação de capital.

Por iniciativa de Romulo Almeida procurou-se uma alternativa que surgiu na forma de uma nova polarização, a ser liderada por um polo sidero-metalúrgico, aproveitando as vantagens do porto de Aratu, as reservas de ferro do sudoeste e usando o método Hylsa [mexicano] trazido de Monterrey por Romulo Almeida¹³. Aratu foi concebido como um polo a la Perroux, com uma indústria motriz e metalúrgicas complementares em escala. As vantagens de aglomeração atrairiam outras indústrias¹⁴. Enquanto isso, com seu pé tradicional, Romulo insistiu em modernização

12 *A zona cacauceira, estudo sócio econômico*. Salvador. Progresso Editora. 1959.

13 Romulo falava em descentralização concentrada, procurando combinar indústrias decadentes com indústrias novas.

14 Romulo tinha traduzido os Princípios de Economia de Alfred Marshall, que não entendia muito bem, mas se sentia marshalliano e acreditava em vantagens de aglomeração porque acreditava em empresários. Incorria na contradição, denunciada por Joan Robinson, entre uma análise estática e uma política dinâmica. Logicamente discordávamos porque já considerava os empresários como ignorantes e autosuficientes.

da indústria têxtil ainda na esperança que os descendentes dos industriais pioneiros fossem modernizantes¹⁵.

Romulo pretendeu complementar o polo de Aratu com o do Subaé em Feira de Santana, com perfis técnicos diferentes, a partir do frigorífico moderno da Mafrisa. Enfrentou a voracidade do Legislativo e o imediatismo feirense¹⁶. Complementaria com uma rede de abastecimento a ser instalada no Distrito Industrial Urbano {DINURB} na periferia de Salvador, na atual subcidade de São Caetano¹⁷.

No meio disso Romulo bolou seu principal projeto, o FUNDAGRO, constituído de três empresas – CASEB (armazéns), CASEMBA (compras) e Instituto (fomento) – pretendendo que a modernização deve ir ao homem do interior para lhe dar acesso direto a mercado. O planejamento incitaria uma revolução silenciosa na valorização dos trabalhadores rurais¹⁸. Para isso seria necessário construir uma rede de apoio das prefeituras. O sistema foi bloqueado pelos interesses partidários e reduzido à Cesta do Povo usada pelos posteriores governos conservadores. O Instituto de Fomento foi transformado em Desenbanco até o atual Desenbahia.

O modelo industrial começou a ser instalado e entrou em outro patamar com o projeto do polo petroquímico, que depois de muita controvérsia foi para Camaçari. Mas o projeto baiano de desenvolvimento encontrou resistências das oligarquias regionais que já eram nacionalmente subalternas, pelos interesses de Minas Gerais no golpe de 1964. O projeto chave da USIBA levou dez anos para ser realizado com um terço da capacidade original prevista sem o efeito de polarização planejado e foi privatizado. No essencial houve uma desvalorização da ação pública que financiou empresas no chamado modelo tripartite com uma sucessão de falências encomendadas de apaniguados dos militares.

O planejamento entrou em contradição com o sistema de apadrinhamento político e revelou novas lideranças no interior do estrado. Por abrir esse canal de racionalidade insurgente foi vetado pelo próprio governo estadual quando o governador Juracy Magalhães mandou a bancada governista rejeitar o Plano de Desenvolvimento Econômico e Social para

15 Descobriu-se o significado histórico dos Lacerda, de Luiz Tarquinio e de vários outros.

16 A inauguração da Mafrisa foi um espetáculo medieval de deputados roubando carne de modo escancarado.

17 Um projeto que teve o apoio da cooperação técnica francesa.

18 É importante registrar que a prioridade da valorização dos trabalhadores rurais foi um ponto de unanimidade entre a Bahia e a Sudene de Celso Furtado.

1960-1963. Os despojos do plano foram apropriados por empresários do bloco dominante e pelos subsequentes governos conservadores, transformados em aparelhos de emprego.

Posfácio

A luta pelo planejamento ensinou muito. Foi uma valorização social da Bahia irredenta. Aprende-se que as teorias do planejamento são apenas aproximações: a realidade é a práxis coletiva. O planejamento caboclo ajudou a descobrir a identidade sertaneja da Bahia, a ignorância sobre o estado, como a Coluna Prestes ajudou a conhecer o Brasil.

Na revelação da complexidade social da Bahia, descobriu-se o fundo alienado na distinção entre Salvador e o interior, como entre as regiões do estado. O drama estadual do desgaste de regiões tradicionais, como o Recôncavo e o Agreste, a falta de políticas para a região Cacaueira e para o Sudoeste e a falta de um mapa social do Estado. Na prática o planejamento não pode ser melhor que a sociedade que se planeja.

Descobre-se que os lastros culturais não podem ser ignorados, mesmo quando se pretende uma racionalidade não religiosa; e os planejadores são uma antielite ideológica que é uma contradição da estrutura social e rejeita a burguesia, que por isso representa uma alienação intelectual. Religião na Bahia foi um componente de identidade ligado à questão étnica, mas foi um peso morto obstruindo a visão realista da história. Não se pode extrair o conteúdo ideológico do planejamento. Cometemos todos os erros das boas intenções e aprendemos mais que produzimos. Foi o que descobrimos quando tentamos transformar o reformismo burguês em caminho de emancipação. Vai ser preciso redescobrir quem é o povo. Há uma luta longa pela frente que não poderá ser evitada.